

ANÁLISE COMPARATIVA DO SISTEMA VOCÁLICO NA *GRAMÁTICA DA LINGUAGEM PORTUGUESA (1536)*, DE FERNÃO DE OLIVEIRA, E AS OBSERVAÇÕES FEITAS POR CÂMARA JR. (1970)

Gizelly Fernandes Maia DOS REIS

“Para se saber tudo, isto requer ler e ver
muito, e ainda assim, alcançaremos
pouco”

OLIVEIRA, 1536, p.23

1 INTRODUÇÃO

A palavra gramática é originária do grego *gramma*, tendo por significado “letra”. Atualmente, apenas como uma das concepções de gramática, refere-se a um conjunto de regras prescritivas que definem um modelo de uso da língua. Numa perspectiva histórica, é notório que, da Grécia antiga aos dias atuais, não só o termo mas também as gramáticas passaram por evoluções, pois, cada vez mais, se desenvolveram estudos em torno da língua que levaram à elaboração de novos trabalhos. Afinal, sabemos que a língua possui caráter heterogêneo e está em constante transformação. Segundo Aragão (1999, p. 15), “Em todos os processos de variação e conseqüente mudança linguística é nos aspectos fonéticos e léxicos que começam todos esses processos de variação da língua que poderão se cristalizar numa mudança.” Entretanto, essas transformações na língua ocorrem de maneira rápida e, por isso, a gramática normativa não consegue acompanhar todas.

Podemos dizer que, de acordo com a concepção de gramática que se adote, o objetivo principal de elaboração é corroborar para a uniformidade linguística, que caracterize uma nação, e uma propagação da formalização de um conjunto de regras estabelecidas, para que possa haver coerência, principalmente no que diz respeito à modalidade escrita. No que se refere à língua portuguesa, a primeira gramática de que

temos notícia é a *Gramática da linguagem portuguesa* (1536) de Fernão de Oliveira, a qual é definida pelo próprio autor como “[...] a primeira anotação de algumas coisas do falar português.” (OLIVEIRA, 1536, p. 2)

O objetivo do nosso trabalho é analisar a obra supracitada, explorando as reflexões do autor acerca da língua portuguesa, em específico acerca do capítulo VIII “[Das vogaes grandes e pequenas]” e do capítulo XII “[Da figura e pronúncia das vogaes]”, que tratam do sistema vocálico do português. Nossa finalidade é analisar a nomenclatura e a divisão das vogais utilizadas por Fernão de Oliveira e observar em Câmara Jr.(1970) se existe algo, atualmente, ainda mantido ou se tudo, no que diz respeito ao sistema vocálico da língua portuguesa, está modificado.

2 FALANDO SOBRE FONÉTICA E FONOLOGIA

Sabemos que a língua materna nos possibilita estabelecer comunicação com outras pessoas e ela é o reflexo de uma cultura no âmbito da qual cada indivíduo desenvolve suas particularidades. Por meio de sons, os falantes de uma língua interagem socialmente e refletem o grupo sócio-linguístico-cultural no qual o falante está inserido. Esses grupos nos fazem perceber, a partir de suas marcas linguísticas, que a língua está em constante mudança e esse processo, evidenciador do caráter heterogêneo das línguas, é o resultado de outro longo processo que o antecede – o da variação linguística.

A variação e a possível mudança, como sabemos, podem ocorrer em qualquer nível de análise da língua: fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, discursivo. Neste estudo, analisaremos o sistema vocálico da língua portuguesa que está inserido no nível fonético-fonológico da língua portuguesa.

Em cada língua observamos formas diferentes de organização dos sons. Esse é o objeto de estudo da fonologia. Já a realidade física dos sons produzidos por falantes de uma determinada língua é o objeto de estudo da fonética. Enquanto a primeira estuda os sistemas de sons, como funcionam, sua estrutura, a forma das sílabas, das palavras e como se dá o processamento da língua no cérebro de modo a possibilitar

o processo de comunicação entre os falantes; a segunda estuda os sons da fala, e analisa como se dá a articulação dos sons e como eles são produzidos pelo aparelho fonador.

A fonética se detém à análise dos sons produzidos na fala; a fonologia se detém nos sons mínimos – nomeados *fonemas* – capazes de modificar significados e formar unidades linguísticas maiores. Assim, cada língua tem um sistema fonológico diferente. Contudo, o estudo de qualquer língua nos possibilita fazer uma descrição fonética e/ou fonológica.

Em uma pesquisa fonética, onde o enfoque é a descrição dos sons, fazemos a representação dos mesmos entre colchetes []. Já em uma pesquisa fonológica, voltada em descrever as unidades mínimas distintivas, fazemos a representação entre barras //.

Ao longo de nosso trabalho, encontraremos esses símbolos representando os dois níveis de representação dos sons: um nível fonético e um nível fonológico.

2.1 Algumas considerações sobre os traços distintivos no nível fonético e no nível fonológico

Segundo Hernandorena (*apud* BISOL, 1996, p. 14) os “Traços distintivos são propriedades mínimas, de caráter acústico ou articulatorio, como ‘nasalidade’, ‘sonoridade’, ‘labialidade’, ‘coronalidade’, que, de forma coocorrente, constituem os sons das línguas”.

No nível fonético, podemos exemplificar isso ao considerarmos a sonoridade que pode ser isolado no momento do ato de elocução. Ela pode ser codificada numa escala que vai do maior até o menor grau de sonoridade.

No nível fonológico, os traços vão marcar os contrastes fonológicos da língua. Podemos tomar como exemplo o traço “sonoridade” que, dentro do nível fonológico do português, apresenta dois valores: [+ sonoro] e [-sonoro].

Ter uma noção dos traços distintivos nos ajuda a entender com precisão e clareza o funcionamento das línguas: “Os *traços distintivos*, como unidade de descrição e análise da fonologia das línguas, têm servido como instrumento formal para mostrar a naturalidade do funcionamento dos sistemas linguísticos” (HERNANDORENA *apud* BISOL, 1996, p. 24).

Na *Gramática da Linguagem Portuguesa*, vemos que apesar de Oliveira ainda não dispor de todas essas teorias acreditamos que ele tentou identificar os traços distintivos a partir de observações feitas sobre a fala das pessoas de sua época. Podemos perceber, a partir do estudo de sua obra, *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1536), que ele nos oferece um suporte para compreendermos as diferenças existentes entre um “som aberto” e um “som fechado” e formularmos proposições significativas sobre o funcionamento da língua, por exemplo.

De modo simples, é possível afirmarmos que os traços distintivos nos fazem compreender e verificar as similaridades e os distanciamentos existentes na fonologia da língua. Além disso, se os analisarmos já na época de Câmara Jr. eles servirão não apenas para formular proposições significativas, mas também, para nos auxiliar a verificar a veracidade destas.

3 A GRAMÁTICA DA LINGUAGEM PORTUGUESA DE FERNÃO DE OLIVEIRA (1536)

Podemos observar que a obra oscila entre tradição e inovação para o português do século XVI. Nesse período, Portugal confirmava sua supremacia marítima (iniciada no século XV) e, também, começava a desenvolver o comércio com a Índia. Estava, assim, Portugal num período de conquistas e de autonomia nacional. Daí decorre a importância de uma gramática, pois era necessário que se estabelecesse um padrão na escrita para que se pudesse firmar um sistema linguístico coeso e, também, para que houvesse a valorização e expansão da língua portuguesa.

Fernão de Oliveira desenvolve então um brilhante conjunto de anotações de “algumas coisas do falar português” que se inicia com uma saudação ao senhor dom Fernando D’Almada, nobre fidalgo de Portugal, a quem o autor dedica a primeira anotação que fez da língua portuguesa. Ele deixa claro seu objetivo, o qual “não é dizer tudo, mas algumas noções necessárias de ortografia, acento, etimologia e analogia da linguagem portuguesa” (OLIVEIRA, 1536, p. 2). É notável também, como um dos objetivos do autor, a busca da originalidade. No capítulo L, para ratificar o que

dissemos, o próprio autor diz: “[...] escrevi sem ter outro exemplo antes de mi”. (OLIVEIRA, 1536, p. 43).

A *Gramática da Linguagem Portuguesa* é composta por cinquenta capítulos, que caracterizam um conjunto de reflexões sobre a língua, e tratam da Ortografia – onde o autor estuda os fonemas, o acento, as sílabas e um pouco sobre a prosódia –; da Etimologia – com enfoque na origem das palavras –; da Analogia – onde estuda a derivação e a flexão das palavras –; do Concerto – parte sintática a que se refere de forma breve. É importante destacar que, apesar de ser considerada e possuir os objetivos de uma gramática normativa, a obra também apresenta características de uma gramática descritiva “ao descrever as observações linguísticas atestadas entre os falantes de uma determinada comunidade.” (SILVA, 1999, p. 15). No trecho abaixo podemos exemplificar o que dissemos:

Tem tanto poder o costume e também a natureza que, em que nos pês, nos faz conhecer esta diversidade de vozes e faz que muitos em lugar destas vogaes grandes escrevam duas, como quer que a voz não seja mais de hũa, e outros põem-lhe aspiração; mas também estes erram porque lhe não podem pôr em todos os lugares. (OLIVEIRA, 1536, p.7).

Assim, tendo em vista a *Gramática da Linguagem Portuguesa*, em nosso trabalho, refletiremos sobre a parte da Ortografia que enfoca o sistema vocálico – no âmbito fonético-fonológico – apresentado por Fernão de Oliveira.

4 O SISTEMA VOCÁLICO SEGUNDO FERNÃO DE OLIVEIRA

Para o gramático, nosso alfabeto é formado por “trinta e duas ou trinta e três letras” divididas entre vogais e consoantes, e daí explica: “As vogaes têm em si voz; e as consoantes não, senão junto com as vogaes” (OLIVEIRA, 1536, p. 6).

O autor lusitano inicia o capítulo VIII dividindo as vogais em grandes e pequenas. No entanto, afirma que nem todas podem assim ser divididas. Vale ressaltar que, ao se tratar de vogais grandes, o autor está classificando o que atualmente conhecemos como vogais abertas; e ao se tratar das vogais pequenas refere-se ao que

atualmente conhecemos como vogais fechadas. Dentro dessa divisão, o autor não encaixa as vogais *i* e *u*, pois afirma que a pronúncia das mesmas não possui diversidade, sendo única.

Do ponto de vista ortográfico, Oliveira apresenta uma grande inovação ao propor três novos sinais gráficos. “As figuras destas letras nós lhe podemos chamar sinaes” OLIVEIRA (1536), para representar as “oito vogaes da nossa língua”, já que, para ele, o idioma possui oito sons (vozes) vocálicos – /a/, /A/, /e/, /E/, /i/, /o/, /O/ e /u/ – representado por “cinco figuras” – a, e, i, o e u –. Com isso, o autor propõe que haja diferenciação na grafia para representação das vogais abertas.

Assim, o sistema vocálico para Oliveira poderia ser exemplificado graficamente da seguinte forma:

VOZ / SOM	LETRA / SINAL	EXEMPLO
A	A	Amanda
Á	A	Amada
E	E	Cesto
É	E	Testa
I	I	Tia
O	O	Teimoso
Ó	O	Óculos
U	U	Uva

Tabela I – Sistema vocálico, de acordo com Oliveira (1536).

Por meio do quadro apresentado, podemos afirmar que Oliveira foi original e destemido quanto à representação do sistema vocálico - notamos que, ao mesmo tempo em que ele procura normatizar de modo sistemático a língua, também a descreve de forma cuidadosa, o que nos possibilita apreciar seu olhar reflexivo sobre a língua.

Ainda no que diz respeito ao estudo do sistema vocálico da língua portuguesa, o autor nos transmite, em sua gramática, noções de grafia e de pronúncia, nos revelando seu empenho descritivista:

[...] **a** pequeno tem figura d'ovo com hum escudete diante e a ponta do escudo em baixo cambada para cima: a sua pronúncia é com a boca mais aberta que das outras vogaes e toda a boca igual; **A** grande tem figura de dous ovos ou duas figuras d'ovo, hũa pegada com a outra com hum só escudo diante: a sua pronúncia é com a mesma forma da boca, senão quando traz mais espírito. [...] **e** pequeno tem figura d'arco de besta com a polgueira de cima de todo em si dobrada, ainda que não amassada; a sua voz não abre já tanto a boca e descobre mais os dentes. A figura do **E** grande parece hũa boca bem aberta com sua língua no meio; e tão pouco não tem outra diferença da força de **e** pequeno, senão quanto enforma mais seu espírito. Desta letra **i** vogal, sua figura é hũa haste pequena alevantada com hum ponto pequeno redondo em cima: pronúncia-se com os dentes quase fechados e os beiços assi abertos como no **e**, e a língua apertada com as gengibas de baixo e o espírito lançado com mais ímpeto. [...] **o** pequeno é redonda toda por inteiro como hum arco de pipa e a sua pronúncia faz isso mesmo a boca redonda dentro e os beiços encolhidos em redondo. [...] **O** grande parece duas faces com hum nariz pelo meio ou é dous **oos** juntos ambos e tem a mesma pronúncia com mais força e espírito. [...] **u** vogal aperta as queixadas e prega os beiços, não deixando antr'elles mais que só hum canudo por onde sae hum som escuro[...]. A sua figura é duas hastes alevantadas dereitas, mas em baixo são atadas com hũa linha que sae d'hũa dellas (OLIVEIRA, 1536, p.9).

Ao analisarmos a citação anterior, percebemos que Oliveira procura transmitir, da forma mais simples possível, suas considerações de natureza fonético-fonológica. Presumimos que isso tenha sido feito de modo proposital, para que o autor pudesse ser bem compreendido por um público heterogêneo, e também pudesse ser didático ao transmitir seus conhecimentos. Assim, certamente Oliveira iniciaria, na língua portuguesa, um estudo voltado para as tendências normativas e descritivistas que firmaria um sistema linguístico coeso e valorizaria a língua portuguesa.

5 O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS, SEGUNDO CÂMARA JR. (1970)

Percebemos que o sistema vocálico estabelecido por Oliveira ainda não possui descrições e nomenclatura de caráter mais técnico, no que tange ao plano

fonético-fonológico, até mesmo pela necessidade de se fazer entender pelo povo. Ao longo dos anos os estudos evoluíram; afinal, a língua, por sua natureza dinâmica, está sujeita a diversas e constantes transformações, o que evidencia seu caráter heterogêneo.

Atualmente, a língua já se apresenta como um sistema mais coeso e organizado, podendo agora estabelecer nomenclaturas mais específicas. Quanto a esta questão, precisamos levar em conta que o objetivo de Oliveira não é o mesmo de Câmara Jr.: o primeiro busca propagar a língua mostrando, ao povo, suas particularidades de forma minuciosa, sem muito rebuscamento; já o segundo busca propagar os estudos sobre a estrutura da língua portuguesa a pessoas letradas, que já tenham certo domínio sobre o assunto, desta forma, podendo se utilizar de nomenclaturas mais específicas.

Percebemos, no sistema vocálico atual, que permanecemos com cinco grafias das vogais, porém, quanto à sonoridade, temos números diferentes do que nos é apresentado na gramática de Oliveira.

Segundo Câmara Jr. (1970, p.31), as vogais do português estão apresentadas num esquema triangular. A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, registra a classificação de vogal baixa, vogais médias de 1º grau, vogais médias de 2º grau e vogais altas. Podemos conferir no esquema¹ abaixo:

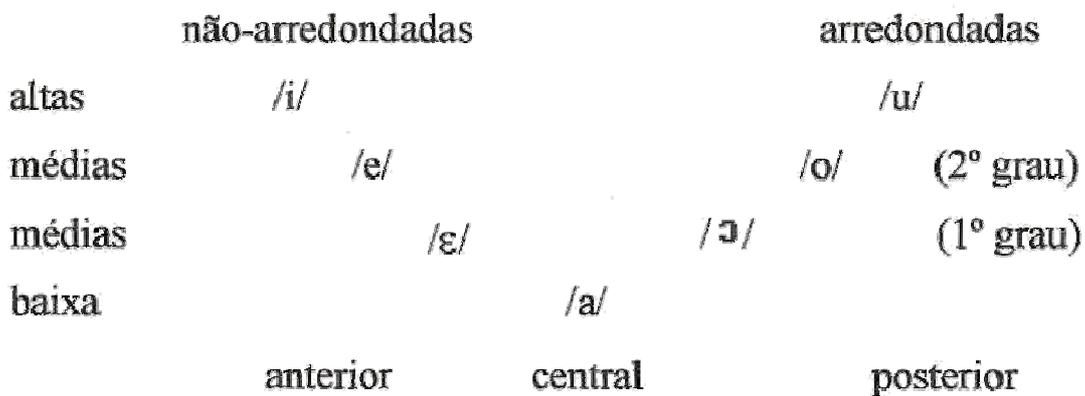


Figura 1 – Esquema de representação das vogais da língua portuguesa, segundo Câmara Jr. (1970)

¹ Retirado do livro *Estrutura da língua portuguesa* (p.33).

Encontramos, nesse esquema de Câmara Jr., similaridades quanto ao esquema de Oliveira; mas Câmara Jr. já se utiliza de nomenclaturas muito mais técnicas e aprofundadas no âmbito da fonética e da fonologia. Diferentemente de Oliveira, ele trata do assunto de modo mais categórico, envolvendo o lugar de articulação, o modo de articulação e a classificação do segmento vocálico, utilizando um vocabulário bem mais técnico para explicação e exemplificação.

Câmara Jr. observa também a posição da vogal na sílaba e fala das vogais nasais; separa este grupo em duas manifestações estruturais nas quais a vogal pode ter nasalidade própria ou a nasalidade “resulta do contato da vogal com uma consoante nasal adjacente. É esse tipo de nasalidade que se verifica em português” (CÂMARA JR. 1970, p.49). Além disso, ele verifica se a nasalidade é transmitida por uma consoante na mesma sílaba – lâmpada – ou em sílabas separadas – cama.

Battisti & Vieira , baseadas em Câmara Jr., declaram que o português apresenta um número diferente de vogais de acordo com a posição de tonicidade nas palavras: “[...] há sete vogais tônicas, que se reduzem a cinco diante de consoante nasal na sílaba seguinte; cinco vogais pretônicas, quatro postônicas não-finais e apenas três postônicas em final de palavra” (1996, p. 174). Percebemos que Câmara Jr. observa aspectos que em Oliveira não foram analisados de forma tão sistemática, como, por exemplo, a tonicidade. Já temos observado, com isso, significativas evoluções no sistema vocálico.

Falamos em evolução, pois cremos que foi o que ocorreu desde 1536, quando Oliveira não se utilizava de termos tão específicos na área da fonética e da fonologia, até os dias atuais, nos quais temos disponível um vasto número de estudos na área. Esses estudos nos possibilitam avanços que geram evoluções na língua portuguesa. Junto à evolução surgem inovações como: a criação de termos específicos da área, a descoberta de novos sons vocálicos na língua. Assim, é possível, atualmente, um estudo mais abrangente e estruturado para cooperar ainda mais com o crescimento da língua sem nos esquecermos da base que nos possibilitou chegarmos onde estamos: a primeira anotação de algumas coisas da língua portuguesa.

6 CONCLUSÃO

Sem dúvida, a *Gramática da linguagem portuguesa* é uma obra que nos faz perceber a originalidade do autor que podemos chamar de desbravador da língua portuguesa. Ele cria diversas soluções gráficas, bem como nos mostra sua original nomenclatura gramatical.

Vemos que Oliveira pode ser considerado, devido a seus estudos acerca dos fonemas do português, um dos primeiros foneticistas. De fato, colaborou imensuravelmente para chegarmos aos dados e informações que temos hoje sobre o sistema vocálico do português.

Ao longo do tempo os estudos evoluíram, entretanto temos que reconhecer que a base partiu da *Gramática da linguagem portuguesa*. O próprio Fernão de Oliveira no capítulo 1 de sua gramática nos perpassa a ideia de que a prática, que faz com que a língua esteja em uso, a aperfeiçoa com o passar dos tempos: “Não somente nestas, mas em muitas outras cousas tem a nossa língua vantagem: porque ella é antiga ensinada, prospera e bem conservada: e também exercitada em bons tratos e ofícios” (OLIVEIRA, 1536, p. 6).

Em Câmara Jr. vemos os traços de Oliveira, mas o primeiro nos apresenta um estudo bem mais “maduro” sobre o sistema vocálico, com definições para um público específico, diferentemente de Oliveira que desejava alcançar o povo e para isso recorre à descrição minuciosa das vogais e da pronúncia delas.

Temos também que pensar na importância dos estudos de Oliveira para a época; era de suma importância uma sistematização linguística no plano ortográfico. Isso nos possibilita reverenciar a obra e o autor lusitano que colaboraram e colaboram para o desenvolvimento cultural e intelectual da língua portuguesa deixando-nos reflexos na atualidade e nos possibilitando ampliar ainda mais nossos conhecimentos acerca da “última flor do Lácio”.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A variação fonético-lexical em atlas linguísticos do nordeste. **Revista do GELNE**, Fortaleza, n. 2, p. 14-20, 1999.

BATTISTI, Elisa; VIEIRA, Maria José Blaskovski. O sistema vocálico do português. In: BISOL, Leda. (Orgs.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 165- 204.

CÂMARA JR., J.M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda. (Orgs.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 9- 86.

OLIVEIRA, Fernão de. **Gramática da linguagem portuguesa**. Disponível em: www.ipn.pt/literatura. Acesso em 10/05/ 2010.

SILVA, Maurício. **A questão ortográfica na gramática da linguagem portuguesa (1536), de Fernão de Oliveira: uma introdução**. Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50/04_SILVA.pdf>. Acesso em 17/05/2010.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 1999.